



## **A morte no caderno policial da Folha de Pernambuco - Análise do impacto das notícias nos leitores<sup>1</sup>**

Betânia Santana<sup>2</sup>, Carla Nascimento<sup>3</sup>, Ericka de Sá<sup>4</sup>, Kety Marinho<sup>5</sup> e Paula Crócia<sup>6</sup>  
Universidade Católica de Pernambuco

### **Resumo**

Este artigo traz uma análise da recepção das notícias sobre violência fatal publicadas no Caderno de Polícia do jornal pernambucano Folha de Pernambuco em leitores residentes em bairros recifenses pertencentes às classes C e D. A superficialidade e o sensacionalismo presentes nas notícias sobre morte são fatores determinantes na formação de uma idéia distorcida da realidade dos bairros representados diariamente no jornal. Para atingir o objetivo, foi feita uma análise quantitativa (aplicação de questionário com moradores das três comunidades consideradas mais violentas do Recife) e qualitativa (realização de entrevistas com repórteres do jornal e com pesquisadores de comunicação).

### **Palavras-chave**

Jornalismo; recepção; sensacionalismo; violência.

### **Introdução**

A influência da mídia na formação de identidades é um aspecto da comunicação que merece atenção especial nos dias atuais. Em uma cidade como o Recife, cheia de desigualdades e de problemas como violência, educação precária e desemprego, essa questão se torna ainda mais essencial para que se possa entender como esses problemas sociais estão sendo abordados pela mídia. Tendo isso em mente, este trabalho pretendeu analisar de que forma as notícias sobre morte publicadas no Caderno de Polícia do jornal Folha de Pernambuco são percebidas pela população pertencente às classes sociais C e D, que são as mais retratadas nesse caderno.

A banalização e espetacularização da violência, tão evidentes nas notícias publicadas no Caderno de Polícia, chamaram nossa atenção para tópicos como a ética jornalística e a idéia de falsa democratização que surge pelo fato de a Folha de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco.  
E-mail: betaline2002@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Estudante do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco.  
E-mail: carlancs@hotmail.com.

<sup>4</sup> Estudante do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco.  
Bolsista do Pibic-Católica de agosto de 2006 a fevereiro de 2007. Email: erickagalindo@yahoo.com.br

<sup>5</sup> Estudante do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco.  
E-mail: ketymarinho@uol.com.br.

<sup>6</sup> Estudante do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco.  
E-mail: pmcrocia@hotmail.com.



Pernambuco dar espaço às classes mais populares. A maneira como a morte é retratada no jornal, entretanto, inibe a reflexão acerca das causas da violência e não promove o debate entre as instituições sociais e o público.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender como o tema da morte, exposto diariamente no Caderno Policial da Folha de Pernambuco, influencia seus leitores, tanto no caráter social como pessoal do tema. Também pretendemos analisar o porquê de os leitores terem interesse no caderno e identificar como os leitores se relacionam com o tema da morte. Em seguida, nos interessa saber se as pessoas se aproximam com esse tipo de matéria, já que a exposição do tema envolve problemas e conflitos sociais presentes nas camadas mais pobres do Recife.

A Folha de Pernambuco foi escolhida por ser o jornal com perfil mais popular do Estado e por, tradicionalmente, ser o veículo impresso que mais explora os fatos policiais tendo, diariamente, um caderno de quatro folhas lido e comentado pela população estudada na pesquisa.

Durante a execução do trabalho, levantamos a hipótese de que o jornal Folha de Pernambuco, em seu Caderno de Polícia, ao usar o tema da morte, gera uma falsa imagem das classes C e D. Além disso, muitos leitores são atraídos pelas matérias sensacionalistas que abordam violência fatal por acreditarem que aqueles fatos são como uma “punição” para os “maus elementos” da comunidade. Assim, a morte tratada de maneira tão banal, ao contrário de causar revolta ou inquietação, traz sentimentos positivos aos leitores. E junto ao elemento textual, as fotos dos corpos, publicadas ao lado de algumas matérias que tratam de violência fatal, são vistas por amigos ou familiares como “lembrança” ou atestado de óbito dos personagens das matérias.

## **Metodologia**

Para a pesquisa, optamos por entrevistar 118 leitores da Folha de Pernambuco distribuídos igualmente em três dos bairros mais pobres e violentos da Região Metropolitana do Recife: Santo Amaro, Casa Amarela e Joana Bezerra. Notícias sobre fatos violentos ocorridos nestes bairros freqüentemente aparecem no jornal pesquisado.

Optamos por utilizar o método qualitativo e quantitativo. Na parte quantitativa, analisamos os questionários aplicados nos bairros. Os questionários eram compostos de perguntas mistas sobre como os leitores se sentem ao ler a notícia; a opinião dos leitores sobre como a violência é representada pela mídia; o grau de conscientização de cada



um; a credibilidade que o jornal tem diante da população ao utilizar o apelo emocional de forma sensacionalista para atrair o maior número de leitores.

Na fase qualitativa, analisamos as entrevistas feitas com repórteres e editores da Folha de Pernambuco e, também, com pesquisadores que já analisaram a Folha de Pernambuco em suas pesquisas. Entre os temas abordados estavam o processo de produção da notícia e os critérios de noticiabilidade. Os dados obtidos com a aplicação dos questionários foram organizados em gráficos. As entrevistas foram analisadas individualmente.

### **Discussão e análise dos dados**

A difusão do Caderno Policial da Folha de Pernambuco acontece livremente há sete anos. Associado a crimes bárbaros e a exploração da pobreza como um todo aparece o tema da morte e da banalização da violência combinada à condição social das classes mais pobres. A incidência do tema da morte em longo prazo acaba por causar nos leitores diversas reações e percepções, como o conformismo, imagens distorcidas da sua comunidade e do próprio conceito de violência no seu habitat.

O tema da violência ligada à morte reforça esses quadros mentais que envolvem e influenciam na vida de milhares de cidadãos pernambucanos. Ana Rosa Dias (2003, p. 73) afirma que “o tema é vastíssimo, inclusive pelo fato do poder, a noção de violência é tomada em sentido bastante amplo e abrange alcances os mais diversos [...] E daí o número de alusões e de problemas que têm de acabar nessa síntese.”

A relação de apropriação do tema da morte pela mídia é crescente, seja devido a uma indústria cultural que espetaculariza episódios violentos, ou mesmo pela utilização desse instrumento como uma forma de desviar o interesse social, através de uma coação psicológica.

A violência não é apenas um desvio da imprensa, muito mais que isso, é uma tendência universal do jornalismo. De qualquer aspecto que se considere o problema e qualquer que seja a natureza da imprensa, as mais legítimas soluções a arrastam para a invectiva, que está de acordo com a psicologia popular e o jornal se faz para o povo e precisa por isso falar a linguagem apropriada ao elemento que se dirige. (SOBRINHO, 1923, apud DIAS, 2003, p. 87).

É de extrema importância analisar como essa influência atinge quem lê a Folha de Pernambuco para podermos iniciar um processo de conhecimento que antecede a luta contra a dominação midiática e pela capacidade de discernimento e decisão do público.

Trata-se não só de uma questão lingüística ou mera análise de influência, mas sim de uma questão ética, tanto jornalística como social.

A comunicação é um instrumento público e deve, portanto, representar todos os setores sociais. Muitos leigos afirmam que mostrar as comunidades pobres através de seus problemas, principalmente relacionados à violência, é uma maneira de incluir esse público na pauta midiática. Porém, não há nada de construtivo em ser representado negativamente. Essa certamente é uma questão que atinge a auto-estima e a psicologia do receptor, e os efeitos em longo prazo podem ser degenerativos até para a personalidade do indivíduo e para o reconhecimento da sua vida e do lugar onde vive.

A violência e a morte não são o problema, já que esse tipo de comportamento é historicamente encontrado em diversas sociedades, mas o tratamento e a dimensão dada especificamente à morte pela imprensa escrita, representada pelo jornal Folha de Pernambuco, é o ponto de nosso interesse, já que implica em reações e efeitos que pretendemos destrinchar.

A pesquisa não se restringe a analisar se há ou não interesse no Caderno Policial, pois essa informação é clara no dia-a-dia e no próprio sucesso do encarte que se apresenta como um dos mais populares do estado. A ambição do grupo é entender como a notícia afeta e conquista os leitores. O trecho de uma notícia, com citado abaixo, traduz bem a forma como a morte é narrada e o enfoque dado aos detalhes do crime, como a posição das balas e as partes do corpo atingidas.

[...] A brutalidade da tentativa de homicídio revoltou a vizinhança. No interior da residência, as marcas da violência estavam por todos os lados. Manchas de sangue no sofá, muitos objetos espalhados pelos cômodos, entre outros quebrados. A faca utilizada foi deixada na sala. Segundo o Boletim de Ocorrência [BO] feito no posto policial do Agamenon, o acusado, Ednaldo Lopes de Souza, 20, desferiu dois golpes de faca peixeira nas costas da companheira, e outra no rosto, perto do olho. Em seguida, partiu para cima da criança e a esfaqueou na região da cabeça', descrevia o texto. [...] (VERÇOSA, 2006).

Essa forma apelativa de noticiar-se um fato aproxima o público da notícia e provoca nele reações que inibem uma reflexão sobre a realidade da violência e da morte e foca no lado fisiológico de um crime, despersonalizando os indivíduos e supervalorizando o brutal.

A interminável briga entre gangues na comunidade de Santo Amaro fez mais vítimas na noite da última quarta-feira. [...] três pessoas morreram e outras duas ficaram feridas a balas em ocorrências distintas, mas que podem ter relações entre si. A informação inicial é

que todos os crimes estão relacionados ao comando do tráfico de drogas na localidade. Entre os casos, um dos que mais chamou atenção foi o que aconteceu por volta das 18h e vitimou o jovem Levi Alves de Souza, 18 anos, assassinado dentro de casa e com mais de 14 perfurações pelo corpo. [...] (FRAGA, 2006).

Já nesse trecho transcrito acima, observa-se que a relação do acontecimento com a localização pode querer passar ao leitor uma noção de proximidade ou até mesmo representatividade, gerando uma falsa idéia de um jornalismo mais democrático que representa todas as classes. Ao mesmo tempo, essa representatividade negativa inferioriza a população de baixa renda, que pode vir a rejeitar a própria comunidade e as pessoas residentes nas periferias e favelas do estado gerando uma distorção no sentido da comunicação bidirecional.

O sensacional distorce a realidade e a exploração; o trágico transforma-se em instrumento de manipulação e alienação. Essa característica entra em conflito com o papel social da comunicação que, como um bem público, deve representar os cidadãos e dar espaço para as diversas classes não só serem mostradas no veículo como participarem mais ativamente do processo produtivo.

A violência urbana definida pela mídia, principalmente através dos produtos jornalísticos veiculados pelos meios de comunicação de massa, ganhou proporções assustadoras nos últimos anos. Isso pode ser verificado pelo crescente número de fatos violentos expostos pela mídia. Mas a exposição dos fatos não pode mais ser tratada com notícia, simplesmente. A veiculação de fatos violentos tem ganhado aspectos de exploração.

Os órgãos de comunicação social nem sempre se limitam a retratar a violência com equilíbrio, havendo alguns que se excedem, a explorar o gosto pelas emoções fortes, pelo sensacionalismo, pelo insólito ou chocante, como instrumento da conquista de leitores, de ouvintes e de expectadores. (Marçal, 1995, p. 22 apud Tavares, 2002).

Ao definir violência, Marilena Chauí (1999) considera que a nossa cultura e sociedade consideram os homens como sendo “sujeitos do conhecimento e da ação”. Desta forma, a violência está em tudo o que reduz um sujeito à condição de objeto. Com a violação do sujeito, a ética humana fica abalada:

Do ponto de vista ético, somos pessoas e não podemos ser tratados como coisas. Os valores éticos se oferecem, portanto, como expressão e garantia de nossa condição de sujeitos, proibindo moralmente o que nos transformem em coisa usada e manipulada por outros (CHAUÍ, 1999, p. 337).

Stuart Hall (1999) e outros afirmam que “a lei criada pelo parlamento, executada nos tribunais, incorporando a vontade da população, fornece à sociedade a definição básica de quais são as ações que são aceitáveis ou não; é a ‘fronteira’ marcando o ‘nosso estilo de vida’ e os valores que lhes estão associados” (p. 237). Além da proibição legal das práticas violentas, o sujeito está sempre sob o controle tácito da moral, tanto pessoal como coletiva, que define a barreira entre o que é certo e errado. Com a exposição da morte tão presente nas páginas dos jornais, achar os fatos violentos positivos pode ser uma tendência cada vez mais fácil de acontecer. Isso se tornaria possível a partir do momento em que o ato violento fosse associado a elementos punitivos.

O caderno de Polícia da Folha de Pernambuco publica diariamente notícias que tratam de violência fatal. O apelo à atenção do leitor, segundo Dines (1972 apud DIAS, p. 32) é a primeira etapa do processo de comunicação, “é o esforço para oferecer ou provocar sensações que vão acender o nosso mecanismo de comportamento para aceitar, absorver e responder à mensagem”. Maria Lúcia de Arruda Aranha acusa o “mundo massificado do homem inautêntico” pela banalização da morte. Nesse “mundo massificado” a morte é ratada de forma genérica, longínqua e impalpável.

A impessoalidade tranqüiliza e aliena o homem, confortavelmente instalado num universo sem indagações. Há a recusa de refletir sobre a morte como um acontecimento que nos atinge pessoalmente. (ARANHA, 1986, p. 371).

As notícias publicadas no Caderno de Polícia da Folha de Pernambuco explicitam essa banalização da morte, que tem como conseqüências tanto a falta de discussão acerca da violência fatal, como também o distanciamento da discussão acerca das causas dessa violência. Apenas no intuito sensacional de vender o fato, mas sem nenhuma preocupação com o indivíduo, pelo contrário, exposto diariamente a produtos como esse, a população acaba por perder seu caráter crítico e social do mundo. Os leitores passam a ver a realidade partida, seus quadros mentais estão fragmentados e a superexposição contínua causa essa limitação que, de certa forma, interessa aos grandes produtores da comunicação. A falta do elemento crítico na massa consumidora é manipulada sem grandes esforços, e o mais importante, gradualmente e sem ninguém perceber.

O processo de escolha da notícia reflete no que é recebido pelos leitores do jornal, o que, em conjunto com seu contexto social, pode acarretar conseqüências por



vezes negativas – neste caso, a identificação com uma “realidade” exposta nas notícias que pode não ser, necessariamente, correspondente ao que o indivíduo vive no seu dia-a-dia. Stuart Hall e outros apontam, entre outros temas, os “desastres, dramas, os gestos do dia-a-dia – cômicos e trágicos – de pessoas vulgares, a vida dos ricos e poderosos (...)” (1999, p. 225) como temas que encontram lugar regular nas páginas de um jornal. Os autores apontam, ainda, duas conseqüências para essa seleção do que vai ser publicado: (1) o jornalismo tenderá a realçar os elementos extraordinários, dramáticos, trágicos e etc., para reforçar sua notabilidade e (2) esses assuntos mais destacados ganham maior potencial noticioso do que os outros, ou seja, ganham prioridade em relação a outros assuntos (1999, p.225).

Pedrinho Guareschi (2005, pp. 52-53) afirma que “a mídia é sempre mais imagem que palavra. Tudo passa pela indústria da imagem. Ciência, religião, guerra, tudo”. É por isso que alguns jornais preferem dar um destaque maior para as imagens violentas da notícia.

Sendo a violência um assunto sempre delicado, as imagens escolhidas para ilustrar as matérias e o impacto que elas provocam no leitor são aspectos que exigem reflexão. Jorge Pedro Sousa (2000, p. 201) afirma que os debates sobre a ética e a deontologia do fotojornalismo são os que mais aparecem no jornalismo. Ele destaca várias sub-discussões, entre elas a que trata da conduta. Sousa chama a atenção para um questionamento que pretende saber se “o fotojornalismo pode invadir a privacidade, especialmente em ocasiões em que os assuntos se relacionam com tragédias humanas, escândalos, figuras públicas e casos de injustiça (...)”.

Ao explorar a violência diária, especificamente, com cenas de mortes, disponibilizando um espaço maior para foto do que para o relato dos fatos, este jornal garante o sucesso comercial, traduz e legitima continuamente seus valores e opiniões e ainda sacia a necessidade das pessoas que se acostumaram a este tipo de sensacionalismo impresso. É dentro desta necessidade das pessoas que a ideologia perversa se sobressai, no momento em que o veículo descarta a idéia do Bem e reforça o Mal, conserva e alimenta a estrutura de controle do dominador sobre o dominado. Nas observações de Marilena Chauí, ao nos falar sobre ideologia ética,

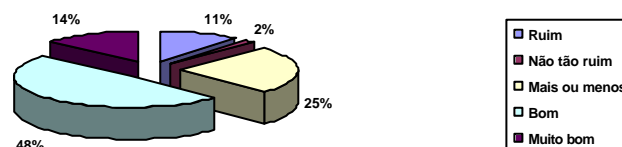
a imagem do Mal e da vítima são dotadas de poder midiático: são poderosas imagens de espetáculo para nossa indignação e compaixão acalmando nossa consciência. Precisamos das imagens da violência e do Mal para nos considerarmos sujeitos éticos” (CHAUÍ, 1999 apud GOMES, 2003, p. 77 ).

A maneira como os leitores recebem as informações que falam de violência fatal no Caderno Policial da Folha de Pernambuco é um aspecto crucial para a pesquisa. Os estudos de recepção surgiram dentro da proposta de considerar a comunicação enquanto questão de cultura. Nos anos 80, começa a ser desenvolvida na América latina a pesquisa de recepção da mídia dentro da temática das culturas populares. O estudo da recepção é uma perspectiva de investigação. Como afirma Immacolata Lopes (1999 *apud* SANTOS, 2005), é uma tentativa de estudar o processo da comunicação de forma integrada a partir das mediações culturais. Martin-Barbero (1992 *apud* SANTOS, 2005) define mediações como “lugar onde é possível se entender a interação entre o espaço da recepção e o da produção”.

### **Análise quantitativa**

Entre os dias 31 de março e cinco de abril de 2007, foram aplicados 118 questionários nos bairros do Coque, Casa Amarela e Santo Amaro. A faixa etária do público pesquisado compreende pessoas entre 12 e 57 anos de idade e a escolaridade vai do 1º Grau incompleto até o 3º Grau incompleto. Ainda dentro da fatia pesquisada, mais de 40% de pessoas possuem apenas o 1º Grau incompleto e isso nos possibilita afirmar que o público, sem uma formação básica em educação, pode ser facilmente manipulado pelas opiniões muitas vezes explícitas do jornal.

### **1 A opinião sobre o Caderno de Polícia da Folha de Pernambuco**



**Gráfico 1 – Qual a sua opinião sobre o Caderno de Polícia da Folha de Pernambuco? –(Fonte: Pesquisa de campo)**

A aceitabilidade do público é o primeiro passo para que a população se identifique e passe a adotar e a se deixar influenciar pelo que é exibido, aceitando os fatos, as situações e a maneira como as próprias pessoas são retratadas. A morte é mostrada como uma realidade comum dentro das comunidades estudadas. Essa banalização tem ligação direta com o Caderno Policial.

### **2 Se o leitor gosta de ver as fotos de pessoas mortas publicadas no Caderno de Polícia**



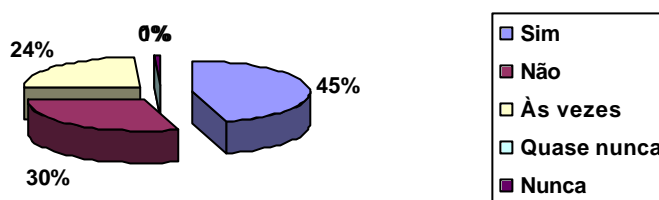


Gráfico 2 – Você gosta de ver as fotos de pessoas mortas que são publicadas no Caderno de Polícia da Folha de Pernambuco? – (Fonte: Pesquisa de Campo)

As respostas dos entrevistados comprovam a empatia popular com as imagens do Caderno Policial. As fotos são o ponto-chave das notícias, e constroem uma relação favorável junto aos leitores, que não questionam mais o caráter sensacionalista das imagens nem o desrespeito às vítimas. Muitos acreditam que é bom ter a foto de um parente ou amigo retratado no jornal, como se a questão da violência fosse amenizada ou mesmo retratada de maneira coerente apenas pelo fato de publicar o caso.

### 3 A opinião do público sobre as fotos de pessoas mortas publicadas no Caderno

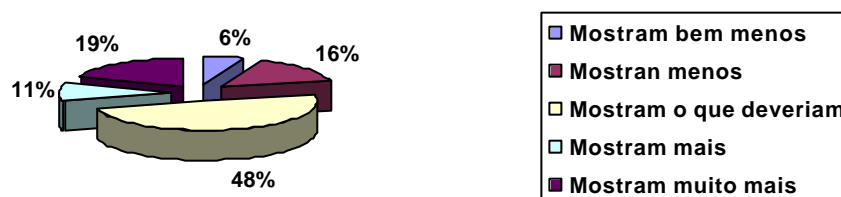


Gráfico 3 – O que você acha das fotos de pessoas mortas que são publicadas no Caderno de Polícia da Folha de Pernambuco? – (Fonte: Pesquisa de Campo)

Fica claro que a maioria das pessoas (48%) acredita que a Folha de Pernambuco mostra o que deveria quando exibe fotos e textos de pessoas que morrem, sem citar antecedente, sem entrevistar autoridades estatais e sem questionar o crescente número da violência e, muitas vezes, colocando o indivíduo em uma posição de “mau elemento”, dando um tom de justificativa para os assassinatos.

A resposta do público entrevistado comprova a segunda hipótese levantada por nós, na qual afirmamos que muitos leitores são atraídos pelas matérias sensacionalistas que abordam violência fatal por acreditarem que aqueles fatos são como uma “punição” para os “maus elementos” da comunidade. Assim, a morte tratada de maneira tão explícita, ao contrário de causar revolta ou inquietação, traz sentimentos de conformismo nos leitores.

#### 4 A aprovação dos textos publicados no Caderno de Polícia

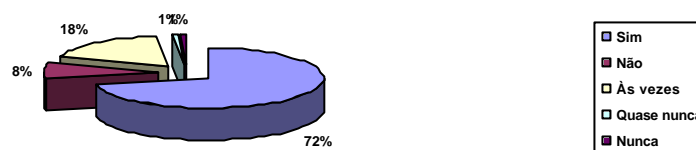


Gráfico 4 – Você gosta de ler os textos que são publicados no Caderno de Polícia da Folha de Pernambuco? – (Fonte: Pesquisa de Campo)

Embora, em uma primeira análise, constando que o público da Folha de Pernambuco se interessa mais pelas imagens, vimos que a aceitação do texto também é ampla. As pessoas se identificam com a matéria escrita, pois o texto acompanha o teor da foto, com expressões fortes que giram em torno de detalhar a morte e explica se o personagem tinha ou não envolvimento com crimes ou com drogas.

O texto, para o público pesquisado, ajuda a entender o motivo do crime. A maioria (72%) acredita que a informação transmitida pelo jornal é única e por isso verdadeira, já que em nenhum dos outros jornais existe o detalhamento da notícia. Eles entendem, ainda, que somente a Folha de Pernambuco, através do seu Caderno de Polícia, mostra a notícia como de fato ela aconteceu. A identificação é tamanha que apenas um entrevistado reconheceu certo exagero na forma como a matéria é conduzida e exposta ao leitor.

#### 5 A recepção dos textos que tratam das mortes de familiares e amigos

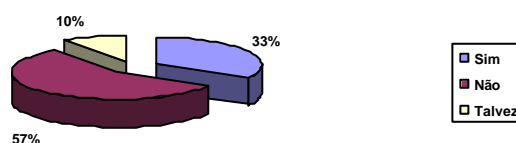


Gráfico 5 – Você gostaria que a morte de alguém próximo a você, familiares ou amigos, virasse notícia no Caderno de Polícia da Folha de Pernambuco? – (Fonte: Pesquisa de Campo)

Embora a maioria das pessoas não queira ver uma pessoa da família retratada na folha, 33% afirmam que gostariam que isso acontecesse. É um número chocante que reafirma a empatia do público com o caderno e que mostra, de uma forma mais concreta, que as pessoas acreditam que expor seus familiares em fotos e textos ajuda a melhorar de alguma forma a realidade da comunidade.



Na questão seguinte, foi perguntada a opinião dos leitores sobre como a Folha de Pernambuco trata a morte. Percebemos entre os entrevistados que as opiniões giram em torno de três pontos fundamentais. Um grupo acredita que o Caderno Policial da Folha de Pernambuco mostra a realidade como ela é, 44 pessoas afirmaram que as notícias são o espelho da realidade que eles presenciam em seus bairros; e 24 entrevistados afirmaram que a morte é mostrada de uma forma negativa e se sentem discriminados com as notícias veiculadas.

Esta discriminação está ligada à banalização do ato de matar e ao desrespeito que o jornal tem com o indivíduo que morreu e com sua família. Por outro lado, 35 pessoas acham que a Folha exagera ou mente em suas reportagens policiais, muitos dizem que eles atribuem tudo ao tráfico de drogas, mesmo sem saber, e colocam a vítima sempre como culpada ou como uma pessoa de má índole, fazendo com que a morte de pessoas pobres seja vista como um alívio para a sociedade. Mas apenas nove pessoas têm consciência da realidade e percebem que a morte de pessoas ricas e pobres são retratadas diferentemente pelo jornal.

A pergunta seguinte foi sobre o sentimento gerado nas pessoas que lêem a Folha no que se refere às notícias sobre morte. A maioria dos entrevistados encara a notícia policial da Folha como uma realidade e isso repercute na maneira com que as pessoas vivem e encaram o ambiente. Por acreditarem nisso, ou mesmo por se sentirem ligados às matérias, mesmo tendo consciência do exagero ou do preconceito, 94 entrevistados afirmaram que têm medo da violência e se sentem inseguros dentro do local onde vivem. Dessas pessoas, 40 acham que além da insegurança esse tipo de matéria estimula o preconceito. Elas se sentem discriminadas por morarem em bairros que são, freqüentemente, retratados nas matérias da Folha.

Muitas pessoas afirmaram ter vergonha de dizer onde moram, pois o bairro é palco de inúmeras mortes que o caderno retrata. Várias dizem que seu bairro é o que mais sai no jornal. Porém, essa consciência e esse medo não impedem que as pessoas leiam e acreditem no que sai na Folha de Pernambuco. Isso talvez se justifique porque esse é o único veículo impresso onde essas pessoas aparecem. Assim, 13 pessoas acreditam que sair na Folha é uma maneira de se sentir importante e valorizada dentro e fora da comunidade.

## **Análise qualitativa**

Para a análise quantitativa, foram feitas entrevistas, durante o mês de maio, com pessoas ligadas diretamente à produção do Caderno de Polícia da Folha de Pernambuco (repórteres e editores) e com pesquisadores que, de alguma forma, já tenham estudado o jornal. As entrevistas foram feitas com os repórteres e com o editor foram feitas na própria sede do jornal e a entrevista com a pesquisadora foi feita por e-mail, em função da rotina e local de trabalho da entrevistada.

O roteiro da entrevista foi elaborado a partir de questões gerais que abordam a opinião do entrevistado quanto ao jornal e ao Caderno de Polícia. Também foi perguntado de que forma o entrevistado avalia a influência do Caderno de Polícia nos leitores e a representação, feita pelo jornal, das classes C e D. Também analisamos a opinião dos entrevistados em relação a como a Folha retrata a morte e se pode ser considerado democrático o fato de o jornal mostrar fatos sobre as classes C e D.

Na entrevista feita com a repórter Mariana Soares de Andrade Lima (2007), ela ratificou os números colhidos pela nossa equipe ao afirmar que “o Caderno de Polícia (CP) sempre foi o carro-chefe da Folha de PE desde a criação do jornal”, já que 48% dos entrevistados lêem apenas a Folha de PE (gráfico 01) e, desses leitores, 85% revelaram ler o tablóide policial (gráfico 03). Essa opinião é compartilhada também por Valdecarlos Alves (2007) e Robson André (2007), respectivos editor-chefe e repórter do caderno *Grande Recife* do mesmo jornal. “O CP da Folha de PE é a parte do jornal que os leitores mais gostam de ler, principalmente os das classes C e D” (ANDRÉ 2007).

Sobre a possível influência da abordagem jornalística utilizada no CP da Folha de PE em seu público leitor, a repórter Mariana Lima diz achar que não há influência sobre o leitor, o qual absorve alguma informação após a leitura da matéria de acordo com sua formação cultural, sua interpretação. Por outro lado, a própria jornalista julga que o seu público apenas absorve a notícia sem analisá-la: “os leitores acham que tudo é verdade” (LIMA 2007).

Mas se contradisse ao afirmar que “a realidade vivida nessas comunidades é outra. Algumas vezes o crime acontece numa comunidade onde existe muita gente do bem, gente que procura levar uma vida longe da criminalidade” (LIMA 2007). Essa asserção parece ser desconhecida pelos entrevistados da pesquisa quantitativa. Eles, quando perguntados sobre a concepção que possuem deles mesmos quando vêem notícias constantes de mortes nos locais onde moram na Folha de PE, revelaram ficar com medo e se colocaram como vítimas da situação de violência dessas comunidades.

Para o editor-chefe do Caderno de Polícia, Valdecarlos Alves, e para cerca da metade dos que responderam os questionários, as imagens publicadas no tablóide policial mostram exatamente o que deveriam mostrar. “Violenta é a situação. A foto é só o retrato do que acontece. E a idéia não é chocar, é mostrar o fato como, de fato, aconteceu” (ALVES, 2007). Ele destacou que um caderno de polícia não pode mostrar outra coisa além de fatos policiais como mortes, roubos, e que o resto do jornal, como os outros, trata de cultura, política, economia, e salientou “mostrar o fato através da imagem chama muito mais atenção” (ALVES, 2007). Mas os entrevistados discordaram quando o assunto era aparecer no CP. Segundo Valdecarlos Alves, “o povo gosta de se ver na tv, e também gosta de se ver na Folha de PE”, mas 65% dos entrevistados disseram que não gostariam de ver a imagem de alguém da sua família ou do seu ciclo de amizades publicada no jornal e outros 57% não gostaria que a morte de alguém próximo virasse notícia na Folha de PE.

De acordo com o jornalista Robson André (2007), a linguagem do tablóide é mais direta, factual, e as matérias podem mostrar que o bairro está mais violento, que a criminalidade cresceu. Além disso, “os crimes, acontecem mais na periferia e as pessoas se identificam porque as vítimas e (ou) os criminosos estão ligados a suas comunidades. Pode ser um vizinho, um parente, alguém que está inserido na vida deles. Os leitores se vêem ali, já que a sua realidade está inserida no caderno” (ANDRÉ, 2007). Essas afirmações ratificam as conclusões tiradas da leitura das matérias do CP pelo seu público.

Robson André faz comentários em que discorda da exibição das imagens de mortos no CP: “as mortes devem ser divulgadas, mas as matérias não precisam necessariamente de uma foto para mostrar que a realidade daquele bairro está violenta. Isso é uma questão de linha editorial do jornal”. E mesmo as imagens que não mostram diretamente o corpo e o sangue, mostram “apenas” um vidro quebrado, uma mãe chorando, atingem um objetivo comum ao das fotos com imagens de mortos: chocar.

Quando perguntada sobre se as notícias de crimes da Folha de PE influenciam o público, a professora universitária Giovanna Leite (2007) afirmou que, muitas vezes, os textos não trazem uma reflexão acerca do problema. Segundo ela, o interesse comercial também contribui para a falta de profundidade nas notícias. Essa falta de conscientização, diz ela, “influencia na forma como a população pode enxergar a violência no estado, principalmente, na Região Metropolitana do Recife, gerando, muitas vezes, mais medo e insegurança” (LEITE, 2007). Giovanna Leite argumentou,

ainda, que a representação da violência feita pela Folha de PE é, “muitas vezes, equivocada, espetacular, e isso não gera um jornalismo comprometido com a sociedade” (2007).

Ela destacou que os textos de jornal jamais vão poder retratar fielmente a realidade, uma vez que eles são escritos “por pessoas com visões plurais de mundo que trabalham para empresas jornalísticas com interesses diversos” (2007).

Embora não acredite que o maior atrativo do jornal seja a suposta prestação de contas com a sociedade (ao mostrar os criminosos, por exemplo), Giovanna Leite destacou o papel da imprensa de mediar “a voz da justiça, isto é, o jornal representa o poder de mediar discursos das instituições jurídicas” (2007).

Em muitos dos questionários apareceram respostas que indicavam a assimetria entre o tratamento dedicado às classes mais altas e às mais baixas. Com a análise das respostas, é possível perceber a preocupação dos moradores em não construir a imagem de que é da população mais pobre saem os infratores. A respeito disso, Giovanna Leite diz que “o problema é que há uma estigmatização que só o pobre é bandido, só pobre assassina, só a periferia que comete crimes” (2007).

### **Considerações Finais**

Durante a pesquisa, pudemos chegar a algumas conclusões no que diz respeito a como os leitores se posicionam em relação ao que é publicado no Caderno de Polícia da Folha de Pernambuco. As respostas dos questionários comprovam, entre outras coisas, a empatia popular com as imagens do caderno policial. As fotos são o ponto-chave das notícias e constroem uma relação favorável junto aos leitores, que, na maioria das vezes, não questionam o caráter sensacionalista das imagens nem o desrespeito às vítimas.

Também ficou claro que, apesar de a maioria das pessoas não querer ver a morte de uma pessoa da família retratada na folha, 33% afirmaram que gostariam que isso acontecesse. Esse é um número chocante que reafirma a empatia do público com o caderno e que mostra, de uma forma mais concreta, que as pessoas acreditam que expor seus familiares em fotos e textos, o que pode ajudar a melhorar de alguma forma a realidade da comunidade.

As respostas dos questionários comprovaram a segunda hipótese levantada, na qual afirmamos que muitos leitores são atraídos pelas matérias sensacionalistas que abordam violência fatal por acreditarem que aqueles fatos são como uma “punição” para os “maus elementos” da comunidade.



Também ficou claro que as notícias sobre violência são, em sua grande maioria, superficiais por não tratarem das causas da violência e deixar de lado as possíveis soluções para o problema. Assim, ficou comprovado que o Caderno de Polícia da Folha de Pernambuco tem uma linha editorial que passa ao largo da função social da comunicação: informar e promover debates acerca de questões de grande relevância social.

## Referências

- ALVES, Valdecarlos. **Entrevista concedida aos autores**. Recife, 8 de maio de 2007
- ANDRÉ, Robson. **Entrevista concedida aos autores**. Recife, 8 de maio de 2007
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando**: Introdução à filosofia. 1. ed. São Paulo: Editora Moderna, 1992.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 11. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- DIAS, Ana Rosa Ferreira. **O discurso da violência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003
- FRAGA, Juliana. Tiroteios matam três em Santo Amaro. **Folha de Pernambuco**, Recife, 08 set. 2006. Polícia. Disponível em <<http://www.folhape.com.br/>>. Acesso em 15 nov. 2006.
- GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no jornalismo**. 1. ed. São Paulo: Hacker Editores, 2003.
- GUARESCHI, Pedrinho. **Mídia, educação e cidadania**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- HALL, Stuart et al. **A produção social das notícias**: o “mugging” nos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega Editora, 1999.
- LEITE, Giovana de Araújo. **Entrevista concedida aos autores**. Recife, 7 de maio de 2007
- LIMA, Mariana Soares de Andrade. **Entrevista concedida aos autores**. Recife, 4 de maio de 2007
- SANTOS, Maria Salett Tauk. **Muito além da estética da violência**: estudo de recepção do Jornal Folha de Pernambuco. Disponível em:<<http://www.eca.usp.br/alaic/chile2000/5%20GT%202000Recepci%C3%B3n/TaukSantos.DOC>>. Acesso em: 15 out. 2006.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. 1. ed. Chapecó: Grifos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.
- TAVARES, Sofia C. Nunes Miravent. **Sensacionalismo e racismo**. Disponível em: <<http://www.oi.acime.gov.pt/docs/pdf/tese%20Sofia%20Tavares.pdf>>. Acesso em: out. 2006.
- VERÇOSA, Lamir. Homem esfaqueia ex-mulher e filho. **Folha de Pernambuco**, Recife, 10 out. 2006. Polícia. Disponível em <<http://www.folhape.com.br/>>. Acesso em 15 nov. 2006.